

## Brasil Os Frutos da Guerra: a política Estadonovista de oportunismo econômico

Marcelo Moreira Araujo<sup>I</sup>

Resenha recebida em 22/08/2018 e aceita em 02/10/2018

A obra aqui resenhada é escrita pelo historiador e pesquisador escocês Neill Lochery<sup>II</sup>. Com esse trabalho o autor tem o objetivo de demonstrar como o governo de Getúlio Vargas tratou politicamente e economicamente a questão da Segunda Guerra Mundial. As principais teses do autor são: O Brasil lucrou com o conflito e poderia ter obtido ainda mais ganhos se tivesse declarado apoio ao grupo dos Aliados mais cedo; foi o governo de Getúlio Vargas que trouxe a modernização para o país; Os Estados Unidos possuíam pouco conhecimento sobre o Brasil antes da guerra. O livro é organizado em seis partes contendo 19 capítulos, divididos em 311 páginas. Aspecto elogiável da obra é que alguns capítulos trazem imagens de figuras importantes do Estado Novo como, por exemplo, o Presidente Getúlio Vargas, Alzira (filha do presidente), o Ministro Oswaldo Aranha e o Embaixador norte-americano Jefferson Caffery. Essas imagens foram retiradas do CPDOC<sup>III</sup>, Biblioteca Digital do MEC e do Arquivo Histórico. Lochery recorre a arquivos nacionais e internacionais para montar a documentação do seu trabalho, como por exemplo: Arquivo Histórico do Itamaraty, Arquivo Histórico do Exército, *Public Records Office*<sup>IV</sup> e AOS Arquivo Salazar<sup>V</sup>. Além dos arquivos o autor utiliza revistas e jornais da época para desenvolver seu texto.

Na primeira parte do livro o autor discorre sobre personagens fundamentais do governo de Getúlio Vargas. Alzira Vargas do Amaral, além de filha do presidente foi chefe do Gabinete Civil da Presidência da República e também servia de intérprete de inglês para o seu pai. Ela foi uma das pessoas mais próximas de Vargas durante o Estado Novo, recebendo de Neil Lochery a alcunha de olho direito do presidente. Já o olho esquerdo de Vargas era o seu Ministro de Relações Exteriores. O gaúcho Oswaldo Aranha foi um dos responsáveis pela aproximação diplomática entre Brasil e Estados Unidos. Ele era muito próximo de Jefferson Caffery, embaixador americano que atuou no Brasil durante o Estado Novo. Outro Ministro indispensável para Vargas era o General Gaspar Dutra (Ministro da Guerra), que garantia o apoio do exército ao governo, além de ter atuado de maneira decisiva na Intentona Comunista e no Levante Integralista. Aranha e Dutra discordavam entre si em muitas questões relacionadas ao governo, isso foi evidente durante o período da guerra, onde os dois ameaçam renunciar aos seus cargos algumas vezes por causa de diferenças políticas. Vargas sempre tentou apaziguar a relação entre os dois e não tomava nenhuma decisão sem antes consultar todos os seus Ministros, principalmente Oswaldo Aranha e Gaspar Dutra.

O autor faz questão de descrever todos os detalhes das cenas narradas em seu livro. Desse modo Neil Lochery pode ser acusado de não ser objetivo, porém acredito que a preocupação com o detalhamento do texto enriquece a narrativa da obra. Podemos observar isso na segunda parte do livro, quando o Presidente Getúlio Vargas em 2 de setembro de 1939, convoca uma reunião com todos os seus Ministros para decidir a posição do Brasil na Guerra que tinha sido declarada na Europa. Na cena é descrita as vestimentas dos presentes, os lugares que cada um ocupou e o que falaram durante a reunião. A declaração de guerra não foi surpresa para Vargas e seu governo, as

## BRASIL OS FRUTOS DA GUERRA: A POLÍTICA ESTADONOVISTA DE OPORTUNISMO ECONÔMICO

MARCELO MOREIRA ARAUJO

embaixadas brasileiras estavam cientes do possível conflito. Por unanimidade foi decidido que o Brasil adotaria a estratégia de neutralidade em relação a Guerra que estava prestes a começar. O governo tinha noção de quanto o conflito Europeu poderia impactar na economia brasileira, a neutralidade fazia com que o Brasil pudesse negociar acordos econômicos com os dois lados conflitantes (Aliados x Eixo). Assim, o Brasil continuou comprando armamento da Alemanha, enquanto negociava com os Estados Unidos investimentos comerciais e industriais norte-americanos em seu território. O exemplo mais evidente desses acordos econômicos, foi a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, financiada pelos norte-americanos. A população em sua maioria recebeu bem a neutralidade.

Em 8 de dezembro de 1941 todo gabinete de Vargas se reuniu para tratar dos acontecimentos do dia anterior. Os Estados Unidos declarou guerra ao Eixo depois de sofrerem um ataque dos japoneses em umas de suas bases militares. Diante disso a política de neutralidade tornou-se insustentável, os norte-americanos exigiram que o Brasil cortasse as relações diplomáticas com o Eixo. O governo brasileiro argumentava que não possuía força bélica para se defender em seu litoral de possíveis ataques do Eixo, por isso era um perigo para a nação criar um racha com a Alemanha e Itália. Assim, antes de declarar apoio aos Estados Unidos, Vargas se assegurou que receberia armamento americano, já que agora não contaria mais com as armas alemãs. Os norte-americanos desejavam a construção de uma base aérea no nordeste brasileiro, o que aconteceu em 1942 na cidade de Natal capital do Rio Grande do Norte. Em 27 de janeiro de 1942 o Brasil rompe as relações com o Eixo, as consequências de tal decisão seriam sentidas em abril de 1942, quando vários navios brasileiros que viajavam pela América central foram torpedeados por submarinos alemães. Porém o ápice dos ataques aconteceu em agosto, quando 5 navios brasileiros foram atacados pelo submarino U-507, desta vez os navios foram destruídos na costa nordestina do país, causando uma onda de indignação e sentimento de vingança por parte da população. Esses fatos são narrados na parte três do livro.

O Brasil declarou guerra à Alemanha e Itália em 22 de agosto de 1942. Logo após a declaração, Nelson Rockefeller desembarcou em solo brasileiro para assinar vários acordos econômicos com o governo, relacionados a finanças, infraestrutura e a borracha brasileira. As relações entre Brasil e Estados Unidos se estreitaram ainda mais. Rockefeller era o representante da política de boa vizinhança americana, que tinha o objetivo de aproximar a América do Norte e a América do Sul, principalmente por meio de trocas culturais. O Brasil era considerado o principal parceiro dos Estados Unidos na política de boa vizinhança. Na quarta parte do livro o autor explica que o Brasil passou a depender muito militarmente e economicamente dos norte-americanos. Vargas entendia que a vitória dos Aliados na guerra estava encaminhada, por isso passou a trabalhar em um plano para tirar mais vantagens do conflito. O presidente também sabia que a política mundial pós-guerra seria ditada pelos Aliados, chegou a conclusão que o Brasil precisava de uma participação mais efetiva no conflito, para receber ganhos ao final da guerra. É nesse contexto que surge a ideia da criação de uma Força Expedicionária (FEB), ordem que pegou de surpresa o exército brasileiro quando foi anunciada em 31 de dezembro de 1942. Em janeiro de 1943, Getúlio Vargas teve um encontro importante com o Presidente dos Estados Unidos Frank Roosevelt. Entre outros assuntos foi discutido sobre a criação da FEB e sua atuação na Segunda Guerra

## BRASIL OS FRUTOS DA GUERRA: A POLÍTICA ESTADONOVISTA DE OPORTUNISMO ECONÔMICO

MARCELO MOREIRA ARAUJO

Mundial. O encontro aconteceu na Base Aérea de Natal e serviu para reafirmar os laços entre as duas nações.

A quinta parte do livro revela que o Brasil passava por um momento de aumento da inflação e do seu custo de vida. Era um dos reflexos da guerra, houve escassez de combustível, prejudicando o transporte no país. Enquanto isso o governo trabalhava no esforço de guerra, primeiro com políticas para o aumento da produção de borracha, material essencial para os Estados Unidos, que sempre esteve envolvido nos acordos entre os dois países. O segundo esforço de guerra era a criação da FEB, que teve uma chegada tardia no conflito, pois os aliados já dominavam praticamente todos os territórios envolvidos na guerra. A FEB atuou em solo europeu apenas em 1944, pois houve atraso em seu treinamento e aparelhagem de guerra. A Força Expedicionária Brasileira foi formada por soldados de todas as regiões do Brasil, pois o governo buscava ilustrar o caráter nacionalista do regime por meio do exército. Ainda na parte cinco do livro o autor expõe os três erros que Vargas teria cometido e que impediram o Brasil de angariar espólios econômicos de guerra. O primeiro erro do presidente foi não evitar a renúncia de Oswaldo Aranha em agosto de 1944, pois o Ministro de Relações Exteriores era visto como o principal símbolo da relação Brasil-Estados Unidos. O segundo erro foi ordenar que a FEB voltasse ao Brasil logo após a vitória total dos Aliados na Segunda Guerra Mundial em meados de 1945, o autor entende que a FEB deveria ter continuado atuando nas ocupações feitas pelas tropas Aliadas nos países derrotados. O terceiro erro foi que o Presidente do Estado Novo demorou a tomar várias decisões importantes, como apoiar a causa dos Aliados logo no início da guerra, quando Vargas resolveu cortar relações com o Eixo, a guerra estava praticamente decidida, o que diminuiu a participação brasileira de maneira decisiva.

Na sexta parte do livro o autor chega a conclusão que os frutos econômicos que o Brasil colheu durante a guerra foram insuficientes para transformar o país de forma plena. Mesmo assim, podemos afirmar que o saldo foi positivo para o Brasil, graças aos acordos econômicos com os norte-americanos, ocorreram construções de instalações navais, melhorias no transporte aéreo e rodoviário, além da construção da já citada Companhia Siderúrgica Nacional, onde o governo americano investiu o que hoje equivaleria a 50 milhões de reais.

O livro **Brasil Os Frutos da Guerra** além de narrar os fatos que levaram o país a entrar na Segunda Guerra Mundial, mostra também como foi o governo de Getúlio Vargas antes e durante a mesma. Vargas teve seu poder ameaçado por comunistas e integralistas, possuía ministros que discordavam entre si, mas mesmo assim sempre mostrava muita calma em seus discursos. Atrevo-me a fazer uma crítica ao autor da obra, visto que o mesmo argumenta várias vezes no livro que o Brasil poderia ter “lucrado mais com a guerra” ou ter “conquistado muito com espólios econômicos de guerra”. Na minha visão ele não deixa claro que lucros eram esses, o que o Brasil poderia ter conseguido se não tivesse adotado a política de neutralidade no início da guerra? Apesar disso, é muito interessante notar no livro como se dava as relações diplomáticas do Estado Novo, que sempre tentava passar uma imagem de um Brasil unido e cortês, porém uma potência que deveria ser respeitada por outras nações. Para o autor as manobras políticas do governo Estadonovista possibilitaram o princípio da modernização do Brasil, que era um país com potencial, porém atrasado industrialmente e conseqüentemente economicamente. Por conseguir mostrar o desenvolvimento do

# BRASIL OS FRUTOS DA GUERRA: A POLÍTICA ESTADONOVISTA DE OPORTUNISMO ECONÔMICO

MARCELO MOREIRA ARAUJO

Estado Novo e suas relações com a Segunda Guerra Mundial, o livro de Neil Lochery, torna-se bastante recomendável para quem tem interesse nos estudos sobre a História do Brasil na primeira metade do século XX.

---

<sup>I</sup> Atualmente é bolsista remunerado do Programa de Educação Tutorial (PET/História) da Universidade Federal de Sergipe e graduando do curso de Licenciatura Plena em História pela UFS. É integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS). Desenvolvendo pesquisas na área de História Contemporânea. E-mail: marcola\_rock@hotmail.com.

<sup>II</sup> Neill Lochery é um escocês professor catedrático de Estudos do Médio Oriente e do Mediterrâneo no University College London. Doutorado em Ciências Políticas pela Universidade de Durham. Conceituado especialista mundial em história moderna e política de Israel, do Médio Oriente e do Mediterrâneo.

<sup>III</sup> O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, foi criado em 1973 com sede na cidade do Rio de Janeiro está vinculado a Fundação Getúlio Vargas.

<sup>IV</sup> Arquivo do Reino Unido.

<sup>v</sup> Arquivo Nacional Português.

## Referência Bibliográfica

LOCHERY, Neil. **Brasil Os Frutos da Guerra**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2015.